



Universidade de Brasília
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Professora Dra. Sara Almarza
Monografia em Literatura

O TEMPO E A MEMÓRIA EM A MÁQUINA, DE ADRIANA FALCÃO

Nathália Guedes da Silva

Brasília, dezembro de 2011

RESUMO

A monografia tem como objetivo apontar e analisar as diferentes perspectivas sobre o tempo, a memória e a força da palavra na obra *A máquina*, de autoria de Adriana Falcão. Ao nos mostrar o amor entre Antônio e Karina através de uma narrativa ágil e aparentemente simples, Adriana coloca em xeque os conceitos prontos, absolutos e lineares que possuímos sobre o tempo. Nordestina é a cidade palco e personagem desse romance, no qual Antônio quer trazer o mundo a sua cidadezinha, pois era o único jeito de impedir Karina de ir embora de Nordestina. Porém, para fazer tal feito, ele arrisca sua própria vida, prometendo viajar no tempo – exatamente 25 anos, seis meses e 17 dias pra frente – e dando como garantia sua morte por uma máquina construída por ele mesmo.

Em *A máquina* o instante toma proporção de eternidade e a memória acarreta na transformação de uma cidadezinha que é “longe que só a gota”.

Temas: *tempo, memória, força da palavra, tempo na narrativa*

INTRODUÇÃO

Adriana Falcão nasceu no Rio de Janeiro em 1960, mas passou boa parte de sua vida em Recife, mudando-se para lá com 11 anos de idade. Em Pernambuco se formou em Arquitetura, mas não exerceu a profissão, tendo como verdadeira vocação a literatura. É escritora e roteirista da *TV Globo* e escreve para séries como *A grande família* e roteiros para cinema. Atualmente publica crônicas no jornal *O Estado de São Paulo*. *A máquina* foi seu primeiro romance, publicado em 1999. Adriana já tem mais de 10 livros publicados, como *Mania de explicação* (2001), mais voltado para o público infantil e *Histórias dos tempos de escola: memória e aprendizado* (2002).

Em *A máquina*, a narrativa sobre Antônio e sua experiência ao ultrapassar os limites do tempo (o que será trabalhado nessa pesquisa) foi o que levou o povo de Nordestina ao seu próprio destino, por acreditar na palavra de Antônio e no seu relato sobre o que o tempo faria dali em diante.

Tudo pelo amor que Antônio sente por Karina, sendo ele capaz até mesmo de trazer o mundo à amada e tentar mudá-lo (porque o mundo como estava é que ele não podia entregar à Karina). Antônio toma gosto por desafiar o agora, o antes e o depois, brincando com a morte e ficando cada vez mais íntimo de seu amigo, o tempo, para atender, mais uma vez, aos pedidos de Karina, que realmente não eram fáceis de serem realizados.

A integração do personagem com a tríade *espaço-tempo-linguagem* e a narrativa fluida da autora, estruturada sem parágrafos, representando o pensamento de Antônio, acarretam um novo sentido à velocidade – indefinível a princípio, mas instigante e estranhamente conhecido por cada um de nós. O tempo – que sempre varia, às vezes sendo de Antônio, às vezes de Deus, às vezes de Nordestina – juntamente com a voz de Nordestina são os elementos que dão o tom regional, humorístico e romântico à obra; é através da força e incondicionalidade do amor de Antônio por Karina que começa a saga dele pelo mundo.

A experiência da força da palavra sobre o tempo se origina pela intuição de Antônio, seguindo sua própria consciência e a tornando um guia da sua própria história, até que o discurso deixa de ser indireto para dar espaço à voz de Antônio, diretamente. É por essa voz que descobrimos o tempo de Antônio, no qual o exato momento da ida é o mesmo da volta em sua viagem ao futuro, a palavra tem poder e autonomia sobre o mundo e a memória faz com que se perpetue o seu relato em Nordestina.

1 O TEMPO E A MEMÓRIA EM A MÁQUINA

O tempo possui muitas explicações que mudam conforme os estágios na história e suas conceituações estão sempre em mudança; porém o tempo como uma experiência do verdadeiro, que desafia todos os conceitos prontos que temos sobre memória, consciência e intuição é a relação do tempo de Antônio e de Nordestina, de Antônio e Karina, de Antônio entre ele mesmo. A sua integração com o tempo (ficaram amigos) ultrapassa os aspectos visíveis do sentido comum que conhecemos e Antônio nos oferece uma multiplicidade de perspectivas que se dão na força da palavra, da narrativa, da memória. Essa relatividade que Antônio traz resulta em uma mudança significativa de foco nos conceitos comuns de “espaço e tempo” na narrativa de Adriana Falcão. A própria história de Antônio se inicia com o diálogo do espaço *versus* tempo:

Lá, de onde Antônio vem é longe que só a gota. Longe que só a gota pra trás, o que é muito mais longe que só a gota do que longe que só a gota pro lados. Pois vir de longe pros lados é vir de longe no espaço, lonjura besta que qualquer bicho alado derrota. Já vir de longe pra trás é vir de longe no tempo, lonjura que pra ficar desimpossível demora. (A máquina, p. 7)¹

Habitualmente, nos referimos a coisas como “estando no espaço” e a eventos como “ocorrendo em um dado momento”. Horas, momentos e datas não têm localização no espaço. Embora na experiência os fatos se sigam uns após os outros, em nossa imaginação podemos ordená-los de maneiras diversas. Santo Agostinho se questionava se o tempo e as relações temporais são físicos e objetivos ou se dão entre eventos íntimos, mentais, subjetivos. Ele então elabora uma argumentação a favor de uma teoria subjetiva do tempo.

Se pensarmos nas dimensões, o espaço possui três dimensões, mas e o tempo? Qual é a dimensão do tempo? Apenas uma: a íntima. O tempo de Antônio flui segundo razões internas e a possibilidade de não haver divisão certa entre passado e futuro confirmam as hipóteses de S. Agostinho, nas quais as relações temporais podem se dar em eventos subjetivos. O que é passado, presente, futuro, varia não só de instante a instante, mas também de observador para observador, referencial para referencial, varia de Nordestina

¹ FALCÃO, Adriana. *A máquina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. Todas as demais citações de *A máquina* nesse trabalho são da edição acima.

para Antônio e vice-versa. Ou seja, não há somente uma única realidade, mas sim acontecimentos simultâneos. Se não há mudança, não existe tempo.

Antônio visitou o futuro e voltou ao presente (o que no futuro já seria o passado) estando no mesmo lugar, no meio da praça de Nordestina. Um objeto não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas Antônio, Antônio de Dona Nazaré pode. Segundo Hugh Lacey, “a experiência temporal é a experiência da sucessão de percepções e estados de consciência – portanto uma sucessão de eventos na história de uma pessoa”². Portanto, direta ou indiretamente, a experiência individual, externa e interna, bem como a experiência social ou cultural, interferem na concepção do tempo. Ou seja, o tempo sozinho, por si só, se torna nulo fora do indivíduo, fora de uma experiência subjetiva. Isso se torna muito claro no início da história de Antônio:

Tomara que ninguém se tome por esquecido, pois a história que aqui vai ser contada tem de todas um pedaço, além dos outros pedaços que ficaram perdidos no caminho do tempo que Antônio andou até aqui trazendo com ele essa história. Era o tempo de Antônio. (A máquina, p. 7)

Desse modo, as relações temporais provêm dos sentidos, da história traçada na vida do indivíduo, como um movimento inscrito em um tempo socialmente construído; fora do sujeito e fora do campo psicológico o tempo e a memória são inexistentes, nulos. A história de Antônio, até chegar no tempo dele, precisou ser arquitetada externamente, para depois ser vivida internamente, por Antônio.

A perspectiva de Nordestina quando Antônio traz o mundo à cidade é meramente externa e assinala a impossibilidade do observador estabelecer a ordem temporal verdadeira dos acontecimentos experienciados pelo observado; a percepção do mundo e das pessoas sobre a viagem temporal de Antônio se dá apenas do ponto de vista exterior; a viagem ao futuro acontece de fato no tempo de Antônio (no sentido propriamente possessivo), no campo psicológico, capaz de revelar a evolução histórica de Nordestina exatamente 25 anos depois. A mudança do futuro para o presente e vice-versa acontece em uma lógica diferente, sendo que o instante em que ele saiu colou com o instante em que ele chegou (sem nem uma brecha no meio) e o corpo de Antônio não se move, deixando-o desacreditado pelas pessoas que assistiam seu “grande feito

² LACEY, Hugh. *A linguagem do espaço e do tempo*. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1972, p. 37.

histórico”. De acordo com Lacey, o tempo não é definível como movimento de nenhum corpo, o tempo é distinto de qualquer movimento. A passagem do tempo não requer o movimento de nenhum corpo específico. Ou seja, o tempo não tem propriedade espacial, não é meramente físico e lógico; ele parte da experiência. Do mesmo modo que concluímos que o tempo agostiniano não é o mesmo tempo que o nosso, é possível concluir que o tempo de Antônio também é distinto.

Essa temporalidade que se expande é interativa e se relaciona com o relato de Antônio no qual o sentido da procura pelo futuro resulta na revelação da verdade sobre o futuro de Nordestina e das pessoas que ali moravam. Através da força do relato de Antônio, Nordestina tomou o rumo que ele tinha (pre)visto no futuro, mesmo sendo posto em dúvida o que Antônio narrava, a princípio. A relação tempo *versus* verdade foi vivida por Nordestina:

O tempo foi passando no seu próprio tempo, seis meses, um ano, dez anos, e deu de acontecer algo muito interessante. Mesmo duvidando que aquilo fosse verdade, o povo se agradou tanto das histórias que se pôs a copiar as idéias de Antônio. (...) Foram, bem aos pouquinhos, fazendo o mundo ficar assim, ficar assado, justo como Antônio dizia, até que foi ficando igualzinho. (A máquina, p. 92)

Toda narrativa pressupõe uma relação com o tempo, e, sobretudo, uma procura do tempo perdido, onde memória, intencionalidade, consciência e intuição, neste caso, se originam de Antônio para o mundo, extrapolam o campo particular e atingem o universal e as proposições tomam valor de verdade, tendo a memória como ferramenta. Segundo Sara Almarza, a missão da memória é “trazer à luz o que permanece oculto por trás das aparências”³. Antônio trouxe a verdade sobre Nordestina, cidade também com aspecto “oculto” (desconhecida pelo mundo) e a tirou do anonimato, fazendo o mundo ir até ela. Seguindo a linha de pensamento de Ian Hacking, filósofo especializado em ciências da memória, temos que:

a) Nos finais do século XIX é possível falar da existência de diferentes ciências da memória, ou níveis de estudo em torno da memória. A princípio, o conhecimento que elas pretendiam propiciar era sobre a questão ‘o quê’ recordar;

³ ALMARZA, Sara. *A persistência da memória*, ensaio temático publicado em *Poesia: o lugar do contemporâneo*. Petry Gráfica e Editora, Brasília: Universidade de Brasília, 2009, p. 174.

b) Até então havia uma concepção rudimentar do conhecimento da memória. Lá pelas décadas de 70, 80 do século XIX “as ciências da memória podiam servir de foro público para alguma coisa sobre a qual a ciência não podia falar abertamente: não podia haver uma ciência da alma; então surgiu a ciência da memória”⁴.

A análise do papel da memória na narrativa e as ciências da memória são galhos do mesmo tronco, representando o “estudo da alma” ou “estudo do espírito”. O primeiro rastro que a memória deixa em Nordestina é por meio da palavra *adeus*:

Se palavra gastasse duvido que tivesse sobrado algum adeus em Nordestina, haja vista a freqüência com que se usava naquele tempo essa palavra. Era tanta gente indo embora que o povo até se acostumou com os vazios que ficavam e iam tomando conta da cidade, apagando cheiros, transformando em memória frases, olhares, gestos, e a cara daqueles que não tinham retrato. (A máquina, p. 14)

A imagem como dimensão fundante da memória é abordada por Rui Cunha, reiterando que da vocação da imagem existe uma relação ambivalente com a memória. Entendida enquanto forma de aprisionar o instante, “a imagem desobriga a memória da recordação desse instante, no pressuposto de que este instante se configura disponível e a imagem parece solicitar, desta perspectiva, um trabalho exterior a ela – supostamente o trabalho memorial”⁵.

Na medida em que a memória reproduz imagens, ela reenvia em múltiplas direções as percepções de tempo e potencializa o instante através do relato, da narrativa, tanto é que “Karina foi aprendendo de cor e salteado as histórias de Antônio”. O trabalho memorial atua no sentido de estar disponível, mas nem sempre consciente; ser um “norteador” e, ao mesmo tempo, permear o instante. Santo Agostinho também diz: “A minha atenção está presente e por ela passa o que era futuro para se tornar pretérito. Quanto mais a lembrança se alonga, mais a expectativa se abrevia, até o instante em que esta fica totalmente consumida, e é nesse momento que a ação, já toda acabada, passa

⁴ HACKING, Ian. *Múltipla personalidade e as Ciências da Memória*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 239.

⁵ CUNHA, Rui Martins. *O nome da alma: “memória”, por hipótese*, artigo publicado originalmente em *Ícones e encenações* – Museu Grão Vasco, 2002, Portugal, p. 18.

inteiramente para o domínio da memória”⁶. Por Antônio passou o que era futuro para se tornar pretérito; e sua ação no futuro foi consumida na velocidade de sua própria razão para passar para a sua memória e posteriormente para a memória coletiva de Nordestina. Segundo Sara Almarza, “Com a memória, se quer escapar do tempo, ultrapassando-o”⁷, e Antônio, desse modo, fez uma espécie de “jogo” com o tempo, desafiando-o, assim como desafiou a morte; foi além dos limites temporais, tendo a memória como sua aliada.

2 O TEMPO NA NARRATIVA

De acordo com Benedito Nunes, que segue a mesma linha de pensamento de Santo Agostinho, Lacey e Cunha, o tempo é variável de indivíduo para indivíduo. O tempo físico se traduz com mensurações precisas, já o psicológico se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se; nesse sentido, a narrativa nos abre, a partir do tempo que toca à realidade, um outro (tempo) que dela se desprende.

Nas obras ou nos textos literários dramáticos ou narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário, sendo projetado e deslocável. Na narrativa “é deslocável o presente, como deslocáveis são o passado e o futuro”⁸. Na narrativa também pode ocorrer a inversão da ordem e a falta de distinção explícita desses momentos (passado, presente, futuro), de tal maneira que a narrativa será capaz de dilatá-los indefinidamente ou contraí-los num momento único:

No que o tempo se danou a passar desatinado por ele, só por ele, logo por ele que demorava a entender as coisas direito, Antônio tentou rezar a Ave-Maria mas não conseguia chegar no agora e na hora de nossa morte, amém, em parte porque estava doidinho das ideias, em parte porque não sabia mais se agora era agora mesmo, se era a hora de sua morte, amém, ou se não era. (A máquina, p. 78)

A narrativa, como forma de linguagem, é um símbolo da ação e do tempo humano correlato. Segundo Nunes, “essa função simbólica (a da linguagem) alcançaria o seu

⁶ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 337.

⁷ ALMARZA, Sara. Op. cit., p. 175.

⁸ NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. Editora Ática, São Paulo, 1988, p. 25.

maior grau de complexidade nos romances que tematizam o tempo, que narram coisas do tempo”⁹.

O mundo da obra, que reconfigura o mundo real, implica uma reflexão das modalidades do tempo humano. O mundo de Nordestina, que faz parte do mundo de Antônio vive essa reconfiguração em sua história através do tempo de Antônio. Para Bergson, o tempo verdadeiro que a intuição capta no relance da experiência interior se denomina “duração interior” (*durée*). O primeiro traço da duração interior, que também é o tempo psicológico, o tempo vivido, é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Antônio, em uma sucessão de estados internos, nos remete que, no plano do mundo imaginário, qualquer modalidade temporal existe em função de sua apresentação na linguagem: as diversas representações da realidade, sob a perspectiva da narrativa, distanciam Antônio do real imediato, alterando, modificando e reorganizando variações possíveis do mundo real. Um dos diversos casos de duração interior na obra se dá em um conflito de Antônio consigo mesmo:

E foi mesmo na frente da igreja que a vida de Antônio deu uma volta medonha, pois, no que viu Karina, seu coração disse pra sua cabeça, vá, e sua cabeça disse pra sua coragem, vou, e sua coragem respondeu, vou nada, mas sua boca não ouviu e beijou Karina bem ali, no meio da praça, e a boca de Karina não disse não, e nem poderia, pois estava por demais ocupada. (A máquina, p. 29)

A duração interior, também chamada de duração individual, se faz presente na passagem acima: houve uma sucessão de instantes conscientes, pelos quais Antônio passava – mas não obedecia – até que ele beijou Karina. Essa “durée” foi o meio para que Antônio chegasse à ação, foi o instante instintivo (interior) que resultou no encontro de duas almas: Karina e Antônio.

⁹ Ibid, p. 78.

2.1 SINCRONIA E CRONOLOGIA NA NARRATIVA d'A MÁQUINA

Nossa concepção tradicional de tempo é linear, como um percurso pelo qual passamos, inevitavelmente cronológico. Leyla Perrone Moisés, em uma de suas obras discute os tópicos *diacronia e sincronia* através do nosso conceito de tempo. “Nossa concepção judaico-cristã do tempo é linear e teleológica. De Santo Agostinho a Hegel e Marx, a história foi vista como uma sucessão de acontecimentos conduzindo a um Apocalipse ou a um fim harmonioso”¹⁰. A concepção da história predominante é uma concepção linear, finalista. A narrativa de Adriana Falcão rompe com essa lógica, mostrando que a sequência cronológica não é absoluta e a simultaneidade é um jogo que desafia o tempo na sua forma tradicional:

Foi então que percebeu que não era o tempo que estava passando danado por ele, ele é que estava danado passando pelo tempo, como quem olha pela janela de um ônibus que está correndo pra frente, e por um minuto apenas, um cochilo, um nó no entendimento, ou algo parecido, tem a impressão de que o ônibus está parado e é a estrada que está correndo para trás. (A máquina, p. 78)

O que seria a literatura se não uma leitura sincrônica do passado? Em *A Máquina*, a busca do novo por Karina (queria ser atriz, sair de Nordestina) e Antônio (para Karina não sair da cidade e conseqüentemente abandoná-lo, queria trazer o mundo a Nordestina) e a mistura do presente-passado-futuro proporcionam experimentação de uma linguagem que ultrapassa as fronteiras do discurso horizontal e uniforme. A fusão de diversas temporalidades de maneira simultânea é expressa através da criação do mundo:

Como naquele tempo Deus ainda não tinha inventado o tempo, o antes, o agora, o depois, ficavam ali no meio, todos eles misturados (...). No dia em que Deus inventou o dia, conclui que, agora, que o tempo ia passar, ia ter um dia hoje, depois ia ter um outro amanhã, e amanhã ainda ia ter um ontem que foi hoje. Desse modo ele inventou o passado, o presente e o futuro de uma vez só. (A máquina, p.10)

Os teóricos da pós-modernidade libertaram a narratividade do modelo anteriormente baseado na cronologia. A fragmentação de nossa percepção de tempo desenvolveu

¹⁰ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo, 1ª Ed. Companhia das Letras, 1988, p. 27.

narrativas parciais, centradas em agentes particulares, como no caso da narrativa d' *A Máquina*, que sai da terceira pessoa e passa a ser narrada pela voz de Antônio, diretamente, assim que se chega no tempo de Antônio, 25 anos, seis meses e 17 dias à frente, fundindo a voz do narrador com a voz do personagem, num discurso simultâneo e ágil. A troca do foco narrativo pode ser percebida pela mistura de vozes e, inicialmente, pela repentina conjugação do verbo em primeira pessoa:

Aqui, em dois mil e pouco, tudo já está exatamente do jeito que ele disse que estaria. Medo virou lenda, falta virou sobra, palavra virou fato, Nordestina virou livro, alegria virou moda, Antônio virou gente e, deixando a modéstia de lado, até que virei gente importante. (A máquina, p. 97)

Hoje, em um mundo considerado “pós-moderno”, o entendimento fragmentado sobre o tempo acarreta na improbabilidade de conciliá-lo com uma razão finalista; o paradoxo é a dificuldade em abandonar esse esquema linear para mentalizar uma nova concepção temporal, mesmo depois de Einstein e sua teoria da relatividade.

Segundo Leyla, os estudos literários, por sua especificidade em tratar de objetos “passados-sempre-presentes”, podem estar mais livres, pois a leitura sempre foi essa “simultaneidade desordenada”. Antônio nos esclarece isso de um modo muito peculiar, ao tentar explicar um evento simultâneo, em um dos ensaios com Karina:

Um personagem que não sou eu vai usar a minha boca pra beijar um personagem que usa a sua boca, mas não é você. Eu tenho que sentir o personagem aqui dentro, sentir o amor dele, ter vontade por ele, mas na mesma horinha eu tenho que deixar de ser ele e voltar a ser eu pra poder me lembrar que esse é um beijo de novela e quem está beijando não sou eu, é ele. (A máquina, p. 23)

É exatamente isso o que acontece na leitura (seja ela de imagens, símbolos ou textos) de uma narrativa: vivemos os personagens, sentimos o amor deles, temos vontades por eles, e, ao mesmo tempo somos nós, misturados no tempo deles, em sincronia (e teoricamente no presente) com o universo deles, mas continuamos construídos pelo nosso passado para definitivamente sermos influenciados no futuro por essa leitura (de algum passado externo ao nosso) que se torna atemporal. E todo esse processo acontece para que um dia o tempo do universo dos personagens chegue ao nosso tempo. Eis a simultaneidade desordenada da literatura.

É pela leitura que se concretiza a função do tempo na narrativa. A temporalidade individual do leitor é extratextual, externa à narrativa, porém é só através do ato de leitura que se consume a reatualização da narrativa, incorporando o jogo com o tempo do texto à temporalidade própria do leitor. É o leitor que abre a possibilidade da rede temporal da narrativa, no plano do imaginário, recriando diferentes dimensões do tempo. Como Paul Ricoeur argumenta, “ingressar na leitura é incluir no pacto entre leitor e autor a crença de que os acontecimentos reportados pela voz narrativa pertencem ao passado dessa voz”¹¹. É ao leitor que essa voz se dirige. Em última análise, o tempo da narrativa não decorre somente das relações entre o autor fictício e o texto, mas depende, também, das relações entre o texto e seu destinatário. Através da narrativa, Antônio dá continuidade a sua história com Karina e à história de Nordestina:

Cada um foi arrumando sua própria vida de acordo com o que ele contava: “Como é que eu não pensei nisso antes? Mas olhe que burrice a minha”, cada qual mais decidido a ser feliz a todo custo. (...) De vez em quando se ouvia um comentário: “Veja só que coincidência, mas não é que aconteceu mesmo o que Antônio disse?” (...) Quando mais o tempo passava, mais o mundo se parecia com o que Antônio contava. Virou contador, Antônio, quem diria? (A máquina, pp. 92-93)

Contando histórias, o homem articula sua experiência no tempo e mesmo sem perceber, passa pelo processo em que “ouvir a palavra falada é primeiramente reconhecer seu som, em seguida identificar seu sentido, e finalmente buscar, mais ou menos longe, sua interpretação: em suma, é passar por todos os graus da atenção e exercer várias capacidades sucessivas da memória”¹².

Por mais que tentemos ordenar as dimensões memoriais e temporais, elas continuam inseridas em nós diacronicamente, como marcas do passado e de nossa história e sincronicamente, (as mesmas marcas) como parte constante e atual da alma. A narrativa não foge a essa relação, onde a experiência sensível sempre esteve acima de conceitos racionais, lógicos. As coisas no tempo, mesmo em um contexto histórico, passam através e para fora da existência:

¹¹ RICOEUR, Paul. *Temps et récit*; III. Paris, Gallimard, 1985, p. 276.

¹² BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. 3ª Ed. São Paulo. Martins Fontes, 2006, p. 124.

E todo esse acontecido foi tudo o tempo de Antônio, pois tudo que aconteceu só aconteceu pra um dia o tempo chegar no tempo dele. E só depois achou de acontecer mais um pouco pra um dia chegar no tempo de agora. Mas o tempo de Antônio, chamado assim desse jeito, o tempo de Antônio, como ficou conhecido esse tempo, o tempo de Antônio começou em Nordestina. (A máquina, p. 11)

O tempo é plural ao invés de singular e oferece uma multiplicidade de perspectivas, dependendo do referencial.

3 A LEMBRANÇA E A PERCEPÇÃO EM A MÁQUINA

Existe uma linha tênue na distinção entre lembrança e percepção. Cada percepção envolve um número infinito de sensações e, segundo Bergson, metaforicamente, a percepção “trata-se, portanto, de um imenso teclado de piano, sobre o qual o objetivo exterior executa de uma só vez seu acorde de milhares de notas, provocando assim, numa ordem determinada e num único momento, uma quantidade enorme de sensações”¹³. É como se, por um único instante, por um só segundo, a passagem de Antônio para o futuro se desse como um acorde: um só som provocando diversas sensações; uma só viagem alterando diversas vidas.

Percepção e lembrança são complementares: a percepção está impregnada de lembranças e, de acordo com Bergson, a memória tem por primeira função evocar todas as percepções passadas. Ou seja, toda percepção é passado. A percepção de Antônio o lançou ao futuro e as imagens que ele viu (e viveu) do futuro se tornaram lembrança no seu retorno ao presente. E mesmo de maneira descontínua no tempo, suas lembranças se tornam realidade na vida de Nordestina. Isso se comprova pelo fato de não existir lembrança que não esteja ligada aos acontecimentos que a precedem e também aos que a sucedem. Falcão trabalha não só de maneira original e inteligente em tal criação literária, como também “brinca” com os nossos sentidos sobre o tempo, com o qual se faz um “jogo” de percepções e novas sensações a cerca de passado, presente, futuro.

Sobre a percepção externa, das pessoas que “presenciaram” o momento da viagem de Antônio, Bergson também nos esclarece que “uma imagem pode *ser* sem ser percebida;

¹³ BERGSON, Henri. Op. cit., p. 150.

pode estar presente sem estar representada”¹⁴. As imagens que Antônio viu existiam, entretanto não foram percebidas pelos outros, mas sim somente por ele:

Repare mesmo que azar o de Antônio. O instante em que ele saiu colou com o instante em que ele chegou, sem nem uma brecha no meio. Quem olhava pra ele pensou que ele tinha estado o tempo todo ali, mas é claro, e o mundo inteiro duvidou que Antônio tinha ido ao futuro mesmo. Uns achavam até graça, pensando que era piada, outros tinham era raiva, pensando, que desaforo. (A máquina, p. 86)

As imagens são percebidas quando abrimos nossos sentidos e despercebidas quando os fechamos. Ao abrir seus sentidos para a força do tempo, guiado pelo amor, Antônio amplia sua percepção sobre o futuro, mesmo fisicamente estando no presente. Somos então guiados por Bergson em seu pensamento: “(...) e se eu pudesse fixar esse indivisível presente, esse elemento infinitesimal da curva do tempo, é a direção futuro que ele mostraria”¹⁵. É justamente nessa direção que Antônio vai, desafiando a morte, atendendo a todo “querer” de Karina e ficando cada vez mais amigo do tempo.

“A memória faz de cada um o historiador de si mesmo”¹⁶, diz Almarza. O mesmo fez Antônio: desenhou a sua própria história, incluindo a de Nordestina. Nós fazemos o mesmo, trilhando, através da memória, nosso próprio caminho, sendo historiadores de nós mesmos. A memória e o tempo são complementares, não só especificamente na narrativa de Falcão, mas na vida de um modo geral, e, por que não, na morte.

Santo Agostinho compartilha: “O que é por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar eu o sei; se eu quiser explicá-lo a quem me fizer esta pergunta, já não saberei dizê-lo”¹⁷. *A máquina* não só compartilha o mesmo questionamento de Santo Agostinho, como também nos leva a trilhar – através do amor – o caminho desse desconhecido, sempre novo (porém íntimo de todos nós), infinito, universal e inevitável, o *tempo*. Penso que Adriana Falcão nos deixa uma missão (também podendo ser um pensamento ou reflexão), assim como todos os demais estudiosos da temática do tempo e das ciências da memória; assim como os personagens Antônio de Dona Nazaré – que provocou a morte e desafiou o tempo – e Karina da rua de baixo; assim como a vida: explorar o invisível.

¹⁴ BERGSON, Op. cit., p. 32

¹⁵ Ibid, p. 161.

¹⁶ ALMARZA, Sara. Op. cit., p. 178.

¹⁷ AGOSTINHO, Santo. Op. cit., p. 322.

BIBLIOGRAFIA

ALMARZA, Sara. *A persistência da memória. Poesia: o lugar do contemporâneo*. Petry Gráfica e Editora, Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. 3ª Ed. São Paulo. Martins Fontes, 2006.

CUNHA, Rui Martins. *O nome da alma: “memória”, por hipótese. Ícones e encenações* – Museu Grão Vasco, Portugal, 2002.

FALCÃO, Adriana. *A máquina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HACKING, Ian. *Múltipla personalidade e as Ciências da Memória*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LACEY, Hugh. *A linguagem do espaço e do tempo*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1972.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. Editora Ática, São Paulo, 1988.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit*; III. Paris, Gallimard, 1985.